João Santos Lopes

A NOITE DESPE-SE NO ESCURO

1.º PRÉMIO DO CONCURSO
INATEL | TEATRO - NOVOS TEXTOS 2016/2017

INATEL
FUNDAÇÃO

Ficha Técnica

Março de 2017
Edição: INATEL
Arranjo Gráfico: INATEL
Grafia: O autor opta por escrever conforme pré AO de 1990
Impressão: Artipol, Lda. www.artipol.net
Tiragem: 250 exemplares
ISBN: 978-989-8636-13-3
Depósito Legal: 423287/17

João Santos Lopes

A NOITE DESPE-SE NO ESCURO

GRANDE PRÉMIO
FUNDAÇÃO INATEL | TEATRO
NOVOS TEXTOS 2016/2017

INATEL
FUNDAÇÃO

PERSONAGENS

JOÃO
EVA
GUSTAVO
SOFIA

A acção desenrola-se num cenário único: o interior de um barracão de madeira existente no jardim de uma mansão, situada numa vila costeira perto da capital. Construído inicialmente para servir de arrecadação de utensílios de jardinagem e outros objectos, o barracão foi depois ampliado e transformado em espaço para habitação. A parede da esquerda tem uma janela sem cortinas, através da qual se pode ver a relva e algumas plantas altas do jardim.

Mobiliário clássico misturado com outros elementos mais contemporâneos, formando um conjunto confortável mas desarticulado em termos de estilo, provavelmente o resultado do aproveitamento de peças de mobiliário usado provenientes da mansão. Na parede

do fundo, ao centro, um móvel de prateleiras com bastantes livros e discos de vinil, um gira-discos, e um telefone. À esquerda do móvel, no canto, a porta que dá acesso ao jardim. Candeeiro de parede por cima da porta com interruptor ao lado desta. No canto à direita do móvel, pequena casa de banho com porta estreita. Em cima de tapete clássico avermelhado, sofá comprido ao centro e mesa baixa em frente, com candelabro de três velas em cima. Candeeiro de pé alto ao lado bem como mesinha com televisão (écran não visível para o público) e sofá pequeno já coçado nos apoios dos braços. Paralelo à parede da direita, um biombo de madeira estilizado, de três módulos largos com ripas finas, permite ver uma cama baixa por detrás.

CENA 1

(Noite de chuva e trovoada. O barracão está às escuras mas clarões de relâmpagos iluminam a espaços o interior, criando efeitos de sombras. Através da janela vê-se surgir um homem no jardim. Vai junto da janela e fica aí durante alguns segundos com o rosto colado ao vidro a olhar para o interior. Afasta-se deixando de ser visto e em seguida ouve-se som de chave na fechadura. A porta do barracão abre-se. JOÃO fica parado à entrada a observar durante algum tempo. Entra, fecha a porta e começa a circular lentamente pelo espaço, iluminado apenas pelos clarões, tocando nos móveis, como que acariciando-os. Percebe-se que já antes esteve ali. Liga a tele-

visão, ouve-se sons de publicidade, vai percorrendo canais, até que se fixa num em que se ouve uma voz masculina que parece discursar num evento político. João revela muito interesse e fica atentamente a ver.)

VOZ NA TELEVISÃO

Camaradas, Cidadãos, Patriotas. Estou aqui perante vós e a Nação num momento de enorme importância nacional, após um longo período da História em que a ausência de visão, de coragem e de firmeza na acção governativa conduziram o nosso País para a iminência da catástrofe. A Pátria amada está doente, sangra em decadência e esta corrói os alicerces onde ela se fundou e se sustenta. Este estado de coisas é consequência da progressiva desintegração da identidade e soberania nacionais, resultado de vergonhosa capitulação face a interesses de inimigos internos e externos. Encontramo-nos perante o perigo da dissolução das instituições fundamentais, corolário de muitos anos de políticas antipatrióticas, de promessas de criação de leis nunca cumpridas e reformas não realizadas, que puseram em causa a independência nacional e a legítima autoridade do Estado. O País encontra-se mergulhado numa crise económica, social e política sem precedentes e assistimos a uma escalada da insegurança pública e da criminalidade. Há semanas que ocorrem actos de vandalismo e pilhagem em cidades e suas periferias, levados a cabo por grupos de extremistas e de marginais, sem que até agora o governo tenha mostrado capacidade em pôr-lhes termo. Se continuarem estes focos de tensão e violência incon-

trolados, o País corre o risco de que venham a alastrar transformando-se em cenário generalizado de anarquia e de caos. Prometo que se for eleito para chefiar o futuro governo agirei com toda a firmeza e determinação para repor de imediato a ordem pública e garantir a segurança, o bem-estar dos cidadãos e a defesa intransigente da Lei. Estamos perante situação crítica que requer medidas urgentes e de excepção e não abdicarei de as fazer aplicar. Não hesitarei também em ordenar a intensificação do controlo das fronteiras para impedir a entrada de mais estrangeiros indesejáveis em solo nacional, bem como da expulsão de todos os que estejam em situação ilegal ou que tenham tido problemas com as autoridades. A longa maré de submissão, dependência, descrença e desânimo que arrastou a nossa gloriosa Pátria no sentido do naufrágio será vencida seguindo outra rota, esta exaltante e inspiradora; mas este grandioso e decisivo projecto nacional só poderá ser concretizado se ao leme da governação estiver uma nova, firme, corajosa e acima de tudo, patriótica liderança. Uma liderança que represente um corte profundo, radical e definitivo com o passado! A "nossa" liderança! A liderança do Partido Novo Rumo!

(Aplausos muito empolgados logo seguido de vaias, petardos, gritos, disparos, vozes alteradas, enorme confusão. João revela grande surpresa com o que está a ver. Ouve-se outra voz, agora feminina, de jornalista que apresenta um bloco noticioso)

""Foi este o momento que marcou o último dia da campanha eleitoral e que despoletou os graves confrontos ocorridos esta noite na capital durante o comício de encerramento do Partido Novo Rumo. Quando o seu líder e candidato a primeiro-ministro, Gustavo Salgado, discursava, foi interrompido pelo rebentamento de petardos e disparos que geraram o pânico entre a assistência. Houve depois momentos de grande tensão quando diversas pessoas envolveram-se em agressões que provocaram vários feridos ligeiros e alguns com gravidade. O Partido Novo Rumo já emitiu um comunicado onde acusou o denominado Movimento dos Indignados da responsabilidade dos actos de violência. Em resposta divulgada há poucos momentos, o Movimento negou qualquer ligação ao ocorrido e acusou o Partido Novo Rumo de ter encenado os distúrbios com o objectivo de vitimização e aproveitamento eleitorais..."

(Um súbito corte da energia eléctrica faz desligar a televisão). João tem uma expressão de desagrado. Tenta acender o candeeiro de pé alto e confirma que não há electricidade. Em seguida vai à janela e fica a olhar atentamente para o exterior. Fica ali durante alguns segundos. Depois volta atrás e deixa-se cair pesadamente no sofá pequeno, recosta-se e fecha os olhos. A luz de cena baixa até fazer escuro total.

Deixa de se ouvir som de chuva e trovões, deixa de se ver clarões, faz-se silêncio. Quando a luz de cena sobe, a acção decorre nas memórias de João que permanece em cena mas que recorda acontecimentos passados naquele sítio, ***20 ANOS*** *antes.*

CENA 2

Uma manhã de Inverno. A luz do nascer do dia ilumina timidamente o barracão. JOÃO está no interior, em frente da janela, a olhar para o jardim e a fumar um cigarro. Tem apenas cuecas vestidas e os cabelos em desalinho. Abre a janela. Através do biombo vê-se um corpo mover-se na cama. EVA levanta a cabeça, apercebe-se que João não está a seu lado e repara nele junto da janela. Ergue-se num movimento brusco. Esfrega os ombros revelando sentir frio e veste de imediato uma camisola de lã que estava junto à cama, por entre outras roupas espalhadas pelo chão. É jovem como João, mais ou menos da mesma idade.

EVA — Que fazes aí parado?

JOÃO — Está a nascer o dia. A única altura em que sinto que fica tudo calmo e em silêncio.

EVA — Isso nunca acontece em nenhum lugar ou momento. Há sempre ruídos que se ouvem se estivermos atentos ou quisermos mesmo escutá-los.

JOÃO — Antes de acordares estava tudo perfeito. — *(abre a janela)*

EVA — Apenas porque querias acreditar que era verdade. Fecha a janela. Está a entrar ar gelado.

JOÃO — É apenas brisa fresca. Gosto de sentir esta aragem no corpo pela manhã. É revigorante, dá-me alento para enfrentar o resto do dia.

EVA — Que parvoíce! É vento impiedoso proveniente do mar, que corta a pele e gela os ossos.

JOÃO — Impressionas-me! Acordaste poética, foi?

EVA — És um parvalhão! Não passas de um parvalhão!

JOÃO — Afinal...entusiasmei-me antes de tempo. Estás já virada do avesso como de costume.

EVA — Basta abrires a boca para me fazeres perder a paciência...

JOÃO — Que sensível! Entendeste tudo mal. Foi um elogio...

EVA — Consegues irritar-me assim que acordo. Não sei por que é que ainda perco tempo a falar contigo.

JOÃO — Talvez seja preferível evitarmos as palavras. Estamos quase sempre em desacordo.

EVA — Seria uma excelente ideia se não fosse impossível. Vais continuar com os teus disparates e nunca te calas.

JOÃO — Podemos usar o mínimo de vocabulário, apenas o necessário para não termos de comunicar por gestos ridículos como dois estrangeiros de línguas estranhas.

EVA — És um imbecil e não te esforças nada para deixar de o ser.

JOÃO — Devemos limitar-nos à cama pois aí entendemo-nos bem. Devia ter saído antes de acordares, mas que posso fazer? É mais forte do que eu. Mesmo que pergunte a mim mesmo o que faço aqui depois do sexo, o teu corpo transpirado faz-me sempre acreditar que um dia talvez acabaremos por tolerar-nos um ao outro.

EVA — Há quanto tempo estás levantado?

JOÃO — Desliguei-o. Odeio aquele som metálico.

EVAS — Devias ter-me acordado!

JOÃO — Dormias profundamente, não quis interromper o teu sono. Preocupo-me com os teus nervos, devias estar agradecida em vez de me censurares.

EVA — *(veste-se)* Estou atrasada e a culpa é tua. Há coisas para arrumar…

JOÃO — Gosto de te ver dormir. Pelo menos estás calada, não me acusas de nada nem me aborreces com as tuas críticas.

EVA — Sabe bem ficar a olhar para os outros enquanto dormem, não é? Estão ali vulneráveis, à nossa mercê. Temos poder sobre eles, podemos até decidir da sua vida.

JOÃO — Primeiro poética, agora sinistra, que mais virá a seguir? A esse ritmo vais cansar-me depressa e praticamente não preguei olho. E se a noite foi longa…

EVA — Errada, isso sim...

JOÃO — Que se passa? Arrependimento? É tarde para tal, não achas?

EVA — Quando a maré baixa é que se vêem os destroços…

JOÃO — E quem se deita com cães acorda com pulgas! Vês? Também sei usar frases brilhantes para dizer banalidades. Que se passa? Falas como se estivéssemos metidos numa grande embrulhada.

EVA — E por acaso não estamos?

JOÃO — Eu não. Quanto a ti não sei, mas também não me interessa.